

O CARRO QUE CANTA: A PEDRA NO CAMINHO DE D. MARIA DA CRUZ

The car sings: the stumbling block of Maria da Cruz

Aimeé Lafetá Guimarães*

RESUMO: Este artigo tem como objetivo a representação literária de D. Maria da Cruz retratada no conto *O Carro que Canta*, recortado do livro *Brasil Interior* (1934), do escritor mineiro Manoel Ambrósio Alves de Oliveira (1865-1947), a fim de verificar de que forma o autor ficcionaliza os fatos ocorridos na história, evidenciando a imagem de uma mulher de personalidade perversa e maldosa, divergente da que o imaginário regional cristalizou, sua abordagem aproxima-se das pesquisas historiográficas assentadas em vasta documentação colonial.

Palavras-chave: Ambrósio; Imagem; Personalidade.

ABSTRACT: *This article aims to show literary representation of D. Maria Cruz portrayed in the short story: O Carro que Canta cut book from the book: Brasil Interior (1934), mineiro writer Manoel Ambrósio Alves de Oliveira (1865-1947) in order to verify that in what way the author fictionalizes the events in history, emphasizing the image of a woman in a perverse and evil personality, which is divergent from the regional imaginary crystallized , its approach approaches the historiographical research settled on a vast colonial documentation.*

Keywords: Ambrose; Image; Personality.

*Acadêmica do Programa de Pós graduação Mestrado em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES – Montes Claros – Minas Gerais – Brasil – aimeenio@yahoo.com.br
Parte desse artigo compõe pesquisas para minha dissertação de mestrado.

Introdução

O povo ribeirinho das margens dos rios São Francisco, Urucuia, Paracatu, Rio das Velhas, Jequitaiá, Pacuí, Gameleira, entre outros, sempre fala de Manoel Ambrósio como professor e escritor apaixonado por essa região, aquele que a retratou com grande sabedoria e precisão, não só em aspectos geográficos, antropológicos ou históricos, mas também sob o foco literário. Embora perceba-se a intenção de Ambrósio em preservar a memória da cultura popular, há também uma preocupação com a linguagem, com a qual ele tem um cuidado especial, pois é através dela que se conhecerá mais sobre o sertanejo que viveu no final do século XIX e início do Século XX nas barrancas desses rios.

As narrativas presentes no livro *Brasil Interior* (1934) retratam a vivência sociocultural, hábitos, linguagens e mitos do povo sertanejo mineiro, e isso é evidenciado no conto *O Carro que Canta*, pois nele sobressai a crença de acontecimentos sobrenaturais, uma vez que um carro de boi caiu no Rio São Francisco; na época da narração, esse carro de boi ainda cantava no fundo desse rio, a fim de lembrar a quem estivesse no povoado sobre os desmandos e crueldades de Maria da Cruz, personalidade retratada por um senhor idoso, que tinha sido escravo dessa senhora. Ele declara quem ela foi e discorre sobre a sua capacidade de dominar e conduzir, a seu modo, as coisas em sua fazenda e arredores, esclarecendo sobre o poder que tinha e o quanto era temida por todos, pois, segundo ele, os escravos morriam nos açoites e no trabalho, e o povo não podia reclamar; caso o fizesse, todos apanhavam. Esse perfil desenhado pelo januareense coincide com o estudo do jornalista Wilson Dias Da Silva (1985), o qual é intitulado “*Maria da Cruz da Perversidade*”, em que se afirma ser essa senhora a mandante de muitos crimes no sertão mineiro.

Diogo de Vasconcelos, em seu livro *História Média de Minas Gerais* (1974), define Maria da Cruz como a mantenedora do sertão, uma mulher de garra, revolucionária e bondosa. Ambrósio, através de seu personagem José Theodoro, desconstrói essa imagem retratando uma mulher extremamente perversa, muito temida, a cabeça dos motins sertanejos do século XVIII.

Não é pretensão desse estudo delimitar ou determinar a veracidade dos fatos narrados no conto ou se aprofundar na delicada relação entre literatura e história, mas, sim, verificar a representação literária de uma figura mítica do sertão, Dona Maria da Cruz, pelo autor mineiro Manoel Ambrósio.

1 O autor: Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

Manoel Ambrósio Alves de Oliveira nasceu em Januária em 7 de dezembro de 1865. Coursou o ensino primário em sua terra natal; posteriormente, estudou humanidades, especializando-se em latim e francês com o professor Lindolfo Caetano, antigo deputado federal; depois, diplomou-se normalista na cidade de Montes Claros, logo, retornou a Januária, onde exerceu o magistério, dedicou-se ao jornalismo através da criação do semanário *A Luz*, fundado em 1901, além aplicar-se às escritas literárias.

Ao ocupar a cadeira de nº 75 do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais na condição de sócio e manter correspondência com o Arquivo Público Mineiro, Manoel Ambrósio acabou por ingressar e transitar pelas mais importantes instituições culturais de Minas Gerais da época, chegando a publicar na Revista do Arquivo Público Mineiro o estudo *Esboço Histórico de Januária*, embrião da obra *História de Januária*, ainda por publicar. Reconhecido folclorista até os dias atuais devido à obra *Brasil Interior* (finalizada em 1912 e publicada em 1934), Ambrósio também levou a prelo *Hercília – romance histórico* (1923), *Os Laras – novela regional* (1938), *A Ermida do Planalto – novela regional* (1945), *Paranapetinga* (1938) e postumamente *Antônio Dó: o bandoleiro das barrancas* (1976). Ainda sem a devida publicação encontra-se o manuscrito *Novos cantos populares do Rio São Francisco* (1909), além de publicar alguns contos no Suplemento *A noite ilustrada*, do Rio de Janeiro, em 1936. Faleceu em Januária, em 24 de agosto de 1947.

Quase toda bibliografia de estudos sobre ele constitui-se na área do folclore mineiro, por isso ele é citado como “O folclorista”. No entanto, sua obra perpassa pela antropologia, história, geografia e sociologia, sendo o seu livro *Brasil Interior* (1934) o mais conhecido. Os outros livros podem ser encontrados em prateleiras empoeiradas de bibliotecas ou em algum acervo particular de famílias que viveram em Januária Nacional na mesma época do autor.

Os estudos acerca desse autor e sua obra constituem-se de grande relevância para a Literatura Brasileira, em especial, a mineira, pois, além de proporcionarem uma análise sobre a formação da identidade e diversidade representada em sua obra, divulgarão obras que representam costumes e linguagens em narrativas que retratam o sertanejo mineiro, uma vez que aborda aspectos culturais, sociais, geográficos e linguísticos da região que compreende o Norte de Minas, ou seja, o interior mineiro,

constituindo-se, assim, um exemplar do que se convencionou chamar de literatura regional, além de divulgar o trabalho de um representante literário das letras mineiras, cujas obras encontram-se no esquecimento e escassas.

Afrânio Coutinho (1997 p. 236) afirma que “o regionalismo é um conjunto de retalhos que arma o todo nacional. [...]”¹. Dessa forma, a obra ambrosiana faz parte desse “conjunto de retalhos”, pois tem um viés regionalista que mostra de uma forma peculiar, moderna e resgata o falar do sertanejo, cultura e meio social. Por meio das falas das personagens infere-se o modo do sertanejo expressar-se e manifestar-se culturalmente. No entanto, apesar do traço regional inegável, Ambrósio consegue transmitir a seus personagens uma dimensão humanística que os alça à categoria de universais.

Sobre Ambrósio, Francisco de Vasconcelos afirma que “o ineditismo foi aliás um fato marcante em sua vida de escritor.”² Ele afirma também que o que brotou do talento do escritor januarense “é madeira de lei que não cede à voragem das pragas temporais.”³ Através dessas afirmativas, é possível também concluir sobre a importância e a qualidade da obra do escritor januarense, pois inova a escrita por meio das temáticas, estética e estilo empregados em suas criações literárias, além de possibilidade de subsidiar estudos em diversas áreas do conhecimento.

2 Canta o teu carro ainda no fundo d’água?

A narrativa é construída sob a perspectiva do velho José Theodoro, que era considerado o patriarca do povoado, e esse personagem retrata uma Maria da Cruz diferente da imagem construída pelo imaginário popular e pelo historiador Diogo de Vasconcelos (1974), a qual enaltecia a imagem dessa senhora. O velho africano, em sua descrição no conto *O carro que canta*, do januarense Manoel Ambrósio, desconstrói a antiga visão que se tinha afirmando que ela era uma mulher “muito má”⁴.

A criação do narrador/personagem no conto se dá a partir do mito do contador de história, figura constante no sertão do século XVIII ao século XX, e é por meio de

¹ COUTINHO, 1997 p. 236

² VASCONCELOS, Francisco de. *O Folclorista Manoel Ambrósio*. Separata de Itaytera, nº 18. Ed. Instituto Cultural do Cariri, patrocínio da comunidade de Januária, Minas Gerais - 1974.

³VASCONCELOS, Francisco de. *O Folclorista Manoel Ambrósio*. Separata de Itaytera, nº 18. Ed. Instituto Cultural do Cariri, patrocínio da comunidade de Januária, Minas Gerais - 1974.

⁴AMBROSIO, 1934 p. 55.

um velho falador chamado José Theodoro, de personalidade forte, envaidecido pela pouca fama que conquistara através de suas histórias, é que se saberá a “muié d’estouro e d’esparro, pabulona!”⁵, a tão afamada Dona Maria da Cruz. O velho escravo era oriundo das senzalas da fazenda Pedras de Baixo, propriedade de tão famigerada senhora, representado no conto como um nonagenário de cabeça branca, cuja brancura de seus cabelos era comparada com um “fino lenço de alvíssima cambraia”⁶; quando solicitado para contar suas memórias, retirava do bolso da calça o seu cornimboque, recipiente confeccionado de chifre de bode para guardar rapé, e dali retirava “valentes pitadas de torrado”, para depois relatar sobre a “Dona do Sertão”⁷. Além de contar sobre a poderosa senhora, José Theodoro também irá descrever a tragédia de um carro de boi que caiu com tachos, escravo e bois dentro do rio São Francisco, o que representa a “pedra no caminho”, porque será por meio desse mito que se desmistificará a imagem de mulher religiosa, bondosa e grande heroína, D. Maria da Cruz. Deste modo, é através dessa história que se conhece como se deu a representação dessa senhora pelo autor januarense, de forma que desconstrói o que Diogo de Vasconcelos (1974) escrevera na época a respeito dela, pois esse historiador a descrevera como uma bondosa e benquista senhora.

Pelo relato do senhor Theodoro, possivelmente Dona Maria da Cruz não era tão amada quanto o historiador Diogo de Vasconcelos (1974) aclama, pois, segundo o Velho preto, ela vivia sendo praguejada pelos missionários e padres locais; além do mais, o leitor perceberá que a visão que o velho tinha e reportava sobre ela, era de uma mulher extremamente cruel, que, apesar de se dizer católica, não respeitava a doutrina e tampouco seus representantes.

O Velho Theodoro é descrito como um “velho africano de cara lanhada, oriundo das antigas senzalas da famosa senhora e dona das Pedras do Padre (Manoel Cardoso) ou Pedras de Baixo”. A constituição desse personagem é a personificação do “Pae João”, nome de um personagem e conto publicado no Jornal *A noite Ilustrada* (1936). Aproxima-se do preto velho a figura retratada em telas e utilizada em terreiros de umbanda, pois ele possui características semelhantes às do velho africano, cuja figura é conhecida através de quadros pintados e venerados nos terreiros como símbolo de

⁵ Optei, neste trabalho, em manter a grafia original do autor.

⁶ AMBROSIO, 1934 p. 54

⁷ SOUZA, Alexandre Rodrigues de. s/p 2011

humildade e sabedoria; porém, no lugar do cachimbo, ele possui um cornimboque. Inicialmente, ele conta que D. Maria da Cruz era uma pessoa poderosa e não parece que irá desmistificar a imagem que se tem sobre tão famigerada Dona; porém a descreve da seguinte forma:

Maria da Cruz, era tão grande, tão rica e tão pudorosa, que chegou attestá seu tesouro com o do Rês de Portugá. De uma feita ella levantou aqui um baruião de tal modo perigoso, que condo o Rês soube, mandou prendê ella cos cumpanheiro por inveja de seus teres, e tomou-lhe tudo, arrasando a casa, deitando sal em cima, acabano c'os escravo, qu'era que nem chuva, e bens Cuma as terras e gado no Ri' de Janeiro e la morreu na cadeia. Tudo isto prueque fora muito má. Muié d'estouro e d'esparro, pabulona! Seus escravo e camaradage não tininha descanso; trabaiava nos domingo e dia de guarda. Nunca houve missunaro, nem pregadô que não mardichoasse ella, mais ella nem mimba! Pouco s'emportava, não fazia causo! (AMBROSIO, 1934 p. 55)

Através do excerto acima, o leitor ainda poderá concluir o quanto a personalidade desta senhora era forte e que certamente ela tinha pulso para envolver-se em embates e motins sertanejos, desconstruindo, a figura mítica retratada pelo imaginário popular, de uma mulher destemida, heroína que desbravou o sertão. Essa imagem ficou intensificada através da criação do *Dia dos Gerais*, em 2011, que reforçou mais a ideia que Maria da Cruz era uma mulher portadora de aspectos positivos e heroicos.

Segundo VASCONCELOS (1974), D. Maria da Cruz foi educada pela Ordem das Carmelitas, em Salvador, e descendia da família da Casa da Torre, importante linhagem baiana dos séculos XVII e XVIII. Casada com Salvador Cardoso de Oliveira, Maria da Cruz veio habitar o sertão. Em sua casa, dava sustento e abrigo “aos enfermos e inválidos”, provendo “a educação dos menores, pagando os mestres de leitura, de música e de ofícios; quem mantinha o culto da capela, quem casava as raparigas e empregava os moços”; era Maria da Cruz, “vida e alma do lugar”⁸

Esse historiador, ao se referir a Maria Da Cruz, retrata uma mulher destemida e desbravadora, o que reforça ainda mais o mito criado sobre ela. Ele, chegou a traçar características físicas para essa sertaneja, dizia que ela era robusta, “que foi

⁸ VASCONCELOS, 1974, p. 137.

inteligentíssima e altiva, deixando, portanto, traduzir na feição própria do sexo, as linhas enérgicas do animo senhoril. Por isso foi adorada pelos parentes”⁹.

Em seu romance *Os Laras* (1938), Manoel Ambrósio cita Maria da Cruz como uma inconfidente, heroína, que antecedeu Tiradentes, atribuindo aos Motins a mesma importância que teve a Inconfidência Mineira; nessa obra a imagem dela coincide com a idealizada pelos que aclamam tal senhora. Contudo, será em seu livro *Brasil Interior* (1934) que ele irá dedicar uma narrativa a essa personalidade, através do narrador Theodoro, retratar uma Maria Da Cruz diferente, “que todo povo marmurava e se queixava p’uma boca só”¹⁰, coincidindo com a perspectiva que o jornalista baiano Wilson Dias descreveu a partir de histórias orais de moradores de Pedras de Maria da Cruz, que, segundo eles, essa tão louvável senhora, era na verdade muito cruel, pois contratava o pessoal para trabalhar, mas no dia de pagar mandava matar. “Corria voz e fama que Maria da Cruz era uma mulher muito perversa, que não respeitava dias santos, além de maltratar com açoites seus escravos”.¹¹ Isso coincide com a imagem da personagem criada no conto: de uma mulher capaz de inúmeras crueldades, que por vez amedrontava a todos, e disse o leitor terá a confirmação através do excerto abaixo:

a escravatura morria nos açoito e no trabaio. [...] Um dia de domingo na hora da missa um carro é vinha entrano n’esta pavação, cantno c’uma toada muito triste carregado de tachos grande de fornaia e outros de cosinhá angú pros negros. Aquilo já era por luxo e mangação qu’ella fazia. Ora, o povo qu’havera de dizê? E se fosse dizê, abri a boca se cór meno, tudo panhava, apois ella não era de caçoadá. (AMBROSIO, 1934 p. 55)

Todavia, como afirmam as historiadoras Ângela Viana Botelho e Carla Anastasia (2012), são poucos os relatos e documentos sobre a vida de Dona Maria da Cruz, e a escassa documentação até agora levantada foi responsável pelas controvérsias que se formaram em torno do caráter e da personalidade dessa mulher: as divergências de opiniões suscitam mais perguntas do que respostas. No que se refere ao escritor januarense a ilustração e relato acerca dessa sertaneja são feitos de ambas formas: ora como uma mártir em seu romance *Os Laras* (1938), ora como uma mulher extremamente cruel no conto *O carro que canta*, do livro *Brasil Interior* (1934).

⁹ VASCONCELOS, Diogo de. 1974, p. 137

¹⁰ AMBRÓSIO, 1934 p. 55.

¹¹ SILVA, Wilson Dias da. Maria da Cruz da Perversidade, In: SILVA, Wilson Dias da. *Velho Chico: sua vida, suas lendas e sua história*. Brasília: Codevasf, Minter, 1985.

Destarte, pode-se afirmar que o autor não estava preocupado em retratar fatos históricos, mas, sim, construir narrativas ficcionais baseando-se em fatos e personagens históricas.

Através do misticismo do sertão retratado nesse conto, o leitor conhecerá a verdadeira personalidade dessa senhora, pois é descrita no relato a crença de que nas “horas mortas” o velho carro de boi utilizado por Maria da Cruz nas afrontas em dias de guarda mergulhou no rio São Francisco e ainda cantava, como pode ser comprovado no trecho seguinte:

Canta o teu carro ainda no fundo d’agua?
-Canta! E praque não canta?
[...]
Passa annos e annos; cond’ é la um tempo a gente do arraiá e nois tudo
ouve, horas morta, inté dias que é hoje, o carro cantano no fundo do
rio e vai desceno aguas-abáxo c’o escravo tocano os boi. (AMBRÓSIO, 1934 p. 54-55)

Sobre os fatos sobrenaturais, retratados no fragmento anterior Tzevan Todorov, em seu livro *introdução a literatura fantástica* (2008), postula que acontecimentos como esse configuram uma narrativa maravilhosa, pois trata-se de um fato sem explicação científica. O autor trabalha o mito do sobrenatural, que sob o relato de José Theodoro, torna-se verdade absoluta, incontestável.

Manoel Ambrósio ainda revelará através de seu texto um pouco da identidade sertaneja mineira, como crenças que evidenciam a fé católica e a formação religiosa da colônia, pois percebe-se um espelho histórico na representação dos missionários, agentes responsáveis por catequizar os colonizados, enfatizando também a identidade mítica do sertão do Norte mineiro.

O livro *D. Maria da Cruz e a Sedição de 1736* (2012), escrito pelas historiadoras Ângela Vianna Botelho e Carla Anastasia, aborda importante contribuição para o entendimento histórico dessa mulher e a sua participação nos motins sertanejos. Embasado em farta documentação inédita, o livro aborda documentos que demonstram a participação de Maria da Cruz, seu marido e filhos em diversos crimes no sertão, principalmente homicídios que vitimavam viajantes, estupros, roubos e contrabando de ouro e pedras preciosas pelos caminhos de Goiás que terminavam em São Romão.

O estudo intitulado *Maria da Cruz e o abasileiramento da burocracia: trajetórias familiares e redes de poder no Império Português (século XVIII)*, de Aparecido Pereira Cardoso, mestre em história pela UNESP, aprofunda a visão histórica

sobre a “dona do sertão” em 1736. Embasado em obras genealógicas e no estudo de Russell-Wood sobre a magistratura baiana do Tribunal da Relação do Estado do Brasil, o autor identificou os vínculos familiares entre Maria da Cruz e as mais importantes famílias baianas da época. A proteção garantida por genros influentes garantiu a essa mulher o perdão régio, a restituição de seus bens e o seu livre retorno para as barrancas do rio São Francisco.

É salutar dizer que o discurso literário não se apresenta como prova, documento, porque “o que nele está se mescla com o que poderia ter havido; se combina com o desejo do que estivesse; e que por isso passa a haver e estar.”¹² assim, apesar de o historiador utilizar-se do conto como uma possível fonte para subsidiar suas pesquisas, não se poderá basear apenas nele pois apesar de possuir uma ordem documental (alguns episódios podem ser comprovados por documentos), muitos outros não poderão ser comprovados, além de serem divergentes dos fatos realmente acontecidos na história, como, por exemplo, a morte de D. Maria da Cruz, que poderia ou não ter acontecido. Porém isso não retira o mérito documental e tampouco de ficção, uma vez que “não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer”¹³.

Izabel Andrade Marson, em entrevista, afirma que a narrativa ficcional pode auxiliar o entendimento histórico porque revela traços sociopolíticos e culturais da sociedade em um determinado período histórico. Essa historiadora postula que a obra ficcional tenciona imagens de como os fatos poderiam ter acontecido, além de revelar “vestígios muitos significativos para a pesquisa histórica”.¹⁴

Ainda deve ser destacada a liberdade que tem o escritor em utilizar ou não qualquer informação para compor suas narrativas. Dessa forma, ele não está necessariamente preso à realidade dos fatos, podendo alterá-los ou não, uma vez que não tem compromisso com a verdade, mas com a sua criatividade. Nessa égide, Manoel Ambrósio irá desmistificar a imagem romantizada que Vasconcelos criou sobre a personagem Maria da Cruz, pois o autor januarense a descreve como uma vilã. Isso se aproxima realmente de fatos históricos que foram comprovados através de documentos

¹² LIMA, Luiz Costa. 1986 p.195.

¹³ ARISTÓTELES, apud PULS, Mauricio Mattos. Arquitetura e filosofia. São Paulo:Annablume, 2006 p. 133

¹⁴ MARSON, Comciência 2004 . <http://goo.gl/LVwILK> acesso em 05/02/2015

da época, porém, dando um caráter ficcional, já que no conto *O Carro que Canta* o narrador afirma que essa senhora morreu na cadeia na Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, e isso não está correto, pois ela falecera em sua casa, no sertão mineiro. O autor também ficcionaliza fatos da vida desta senhora e do negro José Theodoro que poderiam ou não ter acontecido.

Destarte, é através da tragédia acontecida nas barrancas do Rio São Francisco que Maria da Cruz foi cristalizada pelo autor januarense, Manoel Ambrósio, é que se saberá da pedra no caminho, do que suja a imagem de tão importante dama sertaneja, cuja descrição em outrora fora enaltecida pelo historiador Diogo de Vasconcelos.

Considerações finais

A representação literária da figura mítica da sertaneja D. Maria da Cruz, construída pelo autor mineiro Manoel Ambrósio Alves de Oliveira, se dá a partir da representação de fatos históricos, sendo que, apesar de construir uma imagem de uma mulher cruel, não desmistifica a de mulher guerreira e revolucionária que auxiliou os confrontos sertanejos denominados motins no século XVIII no sertão mineiro. É salutar ainda dizer que o autor representa essa personalidade em duas obras: no conto *O carro que canta*, recortado do livro *Brasil Interior* (1934), e no romance *Os Laras* (1938), e nessas obras a representação da mesma é divergente, pois na segunda obra ele a descreve como inconfidente, enquanto na primeira fica evidenciada a personalidade de uma pessoa extremamente cruel. Essas abordagens colaboram com ideia de que o autor escreveu narrativas ficcionais, apesar de basear-se em fatos e personagens históricos, pois não existe um compromisso em relatar fatos que podem ser comprovados por documentos, além de escrever sob ambas perspectivas, uma que representa Dona Maria da Cruz como uma senhora amável e preocupada com o bem-estar de quem vivia no sertão, e a outra representada no conto analisado como uma senhora maldosa e desumana.

Referências

AMBRÓSIO, M. *Brasil Interior: palestras Populares – fol-klore das margens do Rio São Francisco*. São Paulo: Editora Nelson Benjamin Monção, 1934.

_____. *Os Laras: Novela Regional*. Januária: Tipologia da Luz, 1938.

CARDOSO, A. P. *Maria da Cruz e o abraqueiramento da burocracia: trajetórias familiares e redes de poder no Império Português (Século XVIII)*. Dissertação de Mestrado, UNESP. 2013.

COUTINHO, A. A literatura no Brasil. In: _____. *Historiografia Literária em novo Rumo*. 7ª ed. São Paulo: Global, 2004.

LEONARDI, V. *Entre arvores e Esquecimentos: história social nos Sertões do Brasil*. Brasília: Editora da UnB, 1996.

LIMA, L. C. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara. 1986. p.195.

MARSON, I. A. *Comciência 2004*. Disponível em: <<http://goo.gl/LVwlLK>>. Acesso em 05/02/2015.

PULS, M. M. *Arquitetura e filosofia*. São Paulo : Annablume, 2006. p. 133

ROSA, J. G. *Grande Sertão Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SILVA, W. D. da. Maria da Cruz da perversidade. In: : _____. *Velho Chico: sua vida, suas lendas e sua história*. Brasília: Codevasf, Minter, 1985.

SOUZA, A. R. de. *A dona do Sertão: mulher, rebelião e discurso político em Minas Gerais no Século XVIII*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2011.

TODOROV, T. *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva. 2008.

VASCONCELOS, D. *História Média de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

VASCONCELOS, F. de. *O Folclorista Manoel Ambrósio*. Separata de Itaytera, nº 18. Ed. Instituto Cultural do Cariri, patrocínio da comunidade de Januária, Minas Gerais - 1974.